

O Estado de S. Paulo

11/1/1985

Assumido o rompimento entre a CUT e Fetaesp

A ruptura entre a CUT e Fetaesp, que até então se percebia em atos sutis e gestos medidos de partidários das duas entidades, foi assumida ontem por ambas as partes. Tendo como palco o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barrinha, as duas entidades, através de "notas à imprensa", assumiram claramente a ruptura no movimento dos bóias-frias da região de Ribeirão Preto.

O primeiro sinal aparente de que as duas entidades estavam em desacordo foi dado na tarde de terça-feira, quando o presidente da Fetaesp, Roberto Horiguti, não quis assinar a pauta de reivindicação apresentada pelo Sindicato de Guariba, vinculado à CUT. Depois, na manhã de quarta-feira, Horiguti criticou a condução do movimento grevista de Guariba: "Não estão atendendo a vontade dos trabalhadores", afirmou.

Também na quarta-feira, praticamente selando a ruptura, os diretores da Fetaesp, Elio Neves e Vitor Jorge Faia, e Roberto Horiguti, deixaram de participar das duas assembléias realizadas no Estádio Domingos Baldara em Guariba. Mais que isso, Elio Neves foi claro ao dizer que "a Fetaesp está organizando somente os movimentos de São Joaquim da Barra, Jaboticabal e Barrinha".

Já ontem, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barrinha, o presidente do Sindicato de Guariba, José de Fátima, foi impedido de participar da reunião que a Fetaesp realizava em uma das salas com representantes sindicais da região. "Posso entrar?", indagou José de Fátima. "Não Zé, porque estamos falando exatamente de você", foi a resposta do advogado da Fetaesp, Leopoldo Paulino.

Em seguida, a Federação e 13 sindicatos distribuíam nota à imprensa, contendo uma lauda com um total de sete itens. O item 4, na íntegra, afirma: "A verdade é que determinada Central de Trabalhadores pretende exercer sua influência sobre o movimento tendo entretanto, ficado clara a falta de representatividade dessa entidade, que não tem conseguido impor seus pontos de vista aos trabalhadores".

Minutos depois, o secretário geral da CUT, Oswaldo Bargas, falava à imprensa que desde o início da greve de Guariba a "CUT hipotecou irrestrito apoio político e até material". Afirmou que acha "lamentável qualquer tentativa de divisão do movimento dos trabalhadores em nome da conquista de espaços políticos".

Em Sertãozinho, o prefeito Joaquim Ademar Marques concordou que "a greve só está sendo favorável aos patrões, pois com o término da safra não há clima para negociações, num momento, inclusive, em que eles dispensam seus empregados para manter os melhores na safra seguinte". Ele confirma, ainda, que o acordo anunciado em Guariba pelo presidente do Sindicato Rural Patronal, José De Laurentis, "não passou de um balão de ensaio, acontecido única e exclusivamente por divergência entre a CUT, Conclat, PT, Pastoral Operária e PMDB".

(Página 11)